

Meditatio Mortis.

A poesia de Joan Reventós

Alfredo Bosi

AMORTE é um acontecimento irrealizável em nossa mente, pois a consciência não pode apreender o momento em que o nada vai assediá-la e (quem sabe?) suprimi-la. Foi o existencialismo agônico de Heidegger e do primeiro Sartre que nos abriu os olhos para o que a palavra trágica de Pirandello já chamara o limite da “nossa involuntária jornada sobre a terra”. O ser-aqui é o ser-para-morte.

Irrealizável no plano do entendimento abstrato, a morte pode, no entanto, ser vivida antecipadamente nas esferas do sentimento e da imaginação, que são as autênticas matrizes da poesia. Nesse universo de sentido, a morte suscita reações existenciais intensas e contraditórias: a angústia da finitude temporal ou a euforia da libertação; o temor do vácuo absoluto, de que a natureza é avessa, ou o êxtase que o arroubo místico inspira nas almas que anseiam desprender-se do cárcere do corpo.

Tânatos, como Eros, atravessa a história inteira da poesia. Está gravado nas inscrições egípcias e babilônicas com toda a sua aura solene de mistério; e perpassa o verso homérico e os coros dos trágicos gregos. Os deuses imortais divertem-se com a sorte dos seres mortais chamados homens. Tânatos será o companheiro sombrio do ascetismo monacal e penetrará na lírica trovadoresca suscitando o arrepio do perecimento da carne nas exaltações do amor cortês. As festas da Renascença e a parafernália das encenações barrocas, ao mesmo tempo

que celebram a beleza da vida aqui e agora, alegorizam a voracidade da hora que passa. *Tempus edax*, tempo roaz. Primeiro *carpe diem*, depois *memento mori*. Colhe a flor de hoje, a rosa que dura uma só manhã, pois a tarde cairá em breve trazendo a noite sem a esperança da aurora.

Amor e Morte voltarão nas vozes românticas de Blake e Lamartine, no classicismo atemporal de Leopardi e, com força inexcedível, na imaginação de Baudelaire, primeiro grande poeta moderno.

Inexaurível como a vontade de viver, a pulsão de morte foi detectada pelo último Freud que nela reconheceu a *cupio dissolvi*. E o fato de essa descoberta ter sido camuflada por tantos terapeutas pávidos apenas confirma a máxima de La Rochefoucauld: “Nem o sol nem a morte podem ser olhados de frente”.

Mas a poesia não se cala, pois as forças contraditórias da existência não cessam de exigir que ela lhes ceda voz e canto. Quando Leopold Rodés, o tradutor fiel dos poemas de Joan Reventós, me deu a conhecer *Els àngels no saben vetllar els morts*, percebi de chofre que estava diante de um dos maiores poetas da morte do século que há pouco findou. A impressão foi intensa, e não menor terá sido o pasmo de verificar que, embora nada haja de novo sob o sol, tudo se renova e se rediz quando a realidade se repropõe, implacável, a cada um de nós, indivíduos irrepetíveis que somos. O destino pessoal não será assumido por

outrem. Pouco ou nada aprendemos com a morte alheia. A cada um é dado viver e morrer a própria morte na forma de constante aprendizado. “*La morte si sconta vivendo*” – é a palavra essencial de Ungaretti.

Joan Reventós reinventou, na poesia catalã contemporânea, o *tópos* da morte, o lugar-comum em que nos encontramos todos. O tema é um só: conhece-se a fatalidade, logo a monotonia universal da indesejada das gentes. Mas as modulações semânticas e poéticas são múltiplas, o que dá a este livro aparentemente monocórdio uma riqueza desconcertante de perspectivas. Pois a morte pode ser pressentida e contemplada sob diferentes ângulos, espelhos das diferentes situações com que se defrontam os mortais.

A morte é túnel que abre para o mistério; para desvendá-lo cabe esperar a hora imprevisível, aquele “fim longínquo” que tampouco se sabe se e quando virá:

“Deixai, pois, para o fim longínquo dos seres vivos o reencontro das pegadas do seu passo pelo mundo”.

(*A inútil procura*)

Em ricochete, a pergunta sobre a vida, tão enigmática quanto a sua extinção:

“Por que existe a vida ardente?”

(*Uma grande incerteza*)

Dialeticamente: a origem da vida pode ter-se dado “lá no buraco onde tudo some”; e aqui entramos no labirinto da ciência pós-moderna onde o acaso e o caos brincam de esconde-esconde com as leis deterministas...

A morte, além do enigma do seu ser-em-si, é também um evento único, cujo para-si ronda cada homem que sabe que vai morrer. Daí, o sentimento de angústia que acompanha o ser finito quando

presente a sua vida. A poesia de Reventós modula admiravelmente essa imagem da morte como ameaça, luto antecipado:

“e também a sensação de melancolia, vasta mutação da harmonia onde a putrefação no corpo todo progride”.

(*É bom discursar sobre a morte?*)

A interiorização da idéia da morte é vista como “sempre amarga e prematura”.

Uma outra dimensão é a do silêncio que rodeia o instante derradeiro. Não há diálogo com a morte; por isso, o poeta a chama de Muda, nome feito de pura perplexidade:

“Nunca vou saber se a Muda me perdoa

.....

Reiterado estertor e, no fim,

um suspiro

empurra o ilimitado

querer sobreviver”.

(*Como se o morrer não existisse*)

É também verdade que alguns acolhem a morte religiosamente, confiantes na “invisível eternidade”. Não é a crença deste poeta formado na escola desencantada da modernidade, “ausente de Deus”, ou, quando muito, na fé iminente das esperanças revolucionárias.

Há, enfim, as almas estoicas que aceitam, “por uma decisão radical, cristalizada em serena convicção”, mas essa atitude orgulhosa se arrisca a desumanizar uma experiência vital que, a rigor, se dá fora do domínio da pura razão. Mas não fora da esfera da vontade, como dizem animosamente os versos de *Quisera superar o medo* (“venha o que vier, será bem-vindo”) e de *O medo que não tenho*, duas jóias da poesia de Joan Reventós.

Piedade é, a meu ver, o mais terrível poema da coletânea. O seu tema latente



REVENTÓS, Joan. *Os anjos não sabem velar os mortos*. Trad. Leopold Rodés. São Paulo: Paralaxe, 2008. 152p.

é a eutanásia que recusamos por escrúpulo ético e, no entanto, parece às vezes impor-se à nossa compaixão pelo ente querido pedindo alívio.

Chamo igualmente a atenção do leitor para a série *A morte concreta* que se volta para a morte alheia, perda intolerável e tantas vezes incompreensível quando se trata de crianças e jovens aos quais o destino ceifou antes do tempo:

“A morte dos outros me afeta:
o seu morrer, a sua morte
são partes da minha vida,
são marcos ao limite último”.

A poesia de Reventós empurra-nos contra a parede última da nossa jornada; e, como tal, se situa na fronteira que ora une, ora separa a palavra poética e o sentido mesmo da existência.

Alfredo Bosi é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. É editor da revista *ESTUDOS AVANÇADOS* e membro da Academia Brasileira de Letras. @ – abosi@usp.br